
Eventos e situações nas ruas de São Paulo : Apresentação

Events and street situations in São Paulo: Presentation

Heitor Frúgoli Jr. e Julio Talhari



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7308>

DOI: [10.4000/pontourbe.7308](https://doi.org/10.4000/pontourbe.7308)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Heitor Frúgoli Jr. e Julio Talhari, « Eventos e situações nas ruas de São Paulo : Apresentação », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7308> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7308>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Eventos e situações nas ruas de São Paulo : Apresentação

Events and street situations in São Paulo: Presentation

Heitor Frúgoli Jr. e Julio Talhari

- 1 O presente dossiê traz relatos de campo, a maioria sobre acontecimentos havidos na capital em meados de 2018, selecionados (e depois reescritos) dentre trabalhos de fim de curso para a disciplina Antropologia da Cidade.¹ Inicialmente vistos somente como parte de um instrumento pedagógico, os experimentos etnográficos que basearam os relatos aqui publicados mostraram-se potentes como registro de dinâmicas urbanas contemporâneas. Em que pese menor ênfase analítica, dado o incentivo à descrição de cenas e situações observadas, tais experimentos puderam ressaltar os ganhos de um olhar etnográfico sobre a cidade e seus agentes. A publicação aqui de alguns desses resultados também sinaliza a possibilidade de uma contribuição antropológica mais arrojada em um contexto de trabalhos acadêmicos, que, sem demérito algum, necessitam de maior tempo de elaboração.
- 2 A disciplina em questão incorporou, além de discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP), pós-graduandas(os) e ouvintes de diversas áreas das ciências humanas, cujos respectivos projetos, em andamento ou em gestação, tinham relação significativa com temáticas urbanas. Durante as aulas, um dos desafios consistiu em abordar temas clássicos e contemporâneos da antropologia, do trabalho de campo e da escrita etnográfica – com atenção especial aos enfoques voltados ao contexto citadino – tendo em vista que uma parcela de participantes não tinha conhecimento inicial expressivo de tais âmbitos, dentro do que era possível avançar no tempo enxuto de uma disciplina semestral.²
- 3 Um dos aspectos tratados em profundidade dizia respeito à natureza do enfoque e da temporalidade do exercício da etnografia, evitando tratá-la apenas como metodologia – ainda que a primeira certamente abarque questões da última –, mas, sobretudo, na conceituação de Mariza Peirano (2008), como uma *teoria vivida*. Além de passarmos por abordagens clássicas (MALINOWSKI, 1976 [1922]) e por debates críticos posteriores

substanciais (GEERTZ, 2002 [1988]) e CLIFFORD, 2008 [1988]), fazia-se necessário trabalhar com questões ligadas à dimensão urbana propriamente dita.

- 4 Dentre as estratégias pedagógicas adotadas, vale a pena ressaltar a conjunção entre a leitura (e debate em sala de aula) de um texto de Colette Pétonnet³ – “Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense” (2008 [1982]) – e a observação, realizada por boa parte da classe, da Virada Cultural de 2018, evento anual promovido pela prefeitura de São Paulo,⁴ com apresentações (sobretudo musicais) ininterruptas por 24 horas, cuja 14ª edição ocorreu entre 19 e 20 de maio⁵ – e que já conta, aliás, com abordagens etnográficas coletivas em edições anteriores da *Ponto Urbe* (MACHADO *et al*, 2012; MACHADO *et al*, 2013).⁶
- 5 Tratava-se então de propor à classe a prática de um exercício apenas introdutório à etnografia – que, como sabemos, consiste em geral numa atividade de longa duração –, tendo em vista, como resalta Soraya Simões⁷ (2008, p. 193-196) sobre o já mencionado artigo de Pétonnet (2008 [1982]), que a observação flutuante constituiria, sob inspiração parcial na ideia freudiana de atenção flutuante, uma mirada crítica ao conhecimento já existente sobre um determinado lugar, que se deixaria conduzir pelo inesperado, numa ação desderezada, mas não desinteressada, aberta a encontros fortuitos, sob o intuito de uma identificação inicial de temas para um aprofundamento posterior, voltada a captar dimensões significativas do que constituiria o próprio urbano.
- 6 Na ocasião, a autora (PÉTONNET, 2008 [1982]) voltou-se à observação concisa e regular, ao longo de um mês, do cemitério parisiense do Père-Lachaise, no bairro de Belleville, com a produção de escritos próximos ao de um caderno de campo.⁸ Em seus relatos, ganham vida sobretudo frequentadores regulares de tal local – conhecido nacional e internacionalmente pelos(as) célebres personagens franceses(as) ali sepultados(as),⁹ cuja paisagem também remete a um grande jardim público –, com destaque para mulheres que tanto cuidam de alguns túmulos quanto principalmente da alimentação e saúde de centenas de gatos do lugar – “um rebanho de felinos semisselvagens” (PÉTONNET, 2008 [1982], p. 107) –, além de outros personagens, como um padre idoso, uma espécie (dentre outros dali) de guardião da memória coletiva, que toma o local como uma verdadeira enciclopédia da história francesa.¹⁰
- 7 Mas, como se verá, outros textos abordados nas aulas também estiveram presentes como referência em artigos do presente dossiê, cabendo destacar, de forma concisa, três deles: “A guerra dos lugares”, de Antonio Arantes (2000, p. 105-129), em que se vislumbra um caminhar por zonas intersticiais do centro de São Paulo, com a apresentação argumentativa da articulação de enfoques necessários a uma apreensão antropológica do urbano;¹¹ a abordagem sobre aspectos etnográficos relevantes das pesquisas de Michel Agier (2015 [2004]), com atenção especial à conhecida noção do “fazer cidade” (2011, p. 38-39); o texto bastante conhecido de David Harvey, “O direito à cidade” (2012 [2008]), que retoma um conceito cunhado por Henri Lefebvre (1969), adotado de forma ampliada por diversos coletivos de ativistas, em variados contextos de ação.¹²
- 8 Dessa forma, os experimentos etnográficos decorrentes advieram principalmente da observação de situações¹³ havidas durante importantes eventos ocorridos no primeiro semestre do ano passado – como a Virada Cultural, a torcida de jogos durante Copa do Mundo da Rússia, os desdobramentos do incêndio e demolição do edifício Wilton Paes de Almeida (no Largo do Paiçandu), além de práticas do comércio informal pelas ruas de São Paulo, estratégias pedestres adotadas por mulheres nos espaços públicos,¹⁴

caminhadas pelo Minhocão aos fins de semana, frequência a ensaios de uma escola de samba paulistana, viagens de bicicleta pela cidade ou dinâmicas de uso dos interiores de unidades do Serviço Social do Comércio (Sesc).¹⁵ As incursões etnográficas privilegiaram, para fins pedagógicos, as áreas centrais de São Paulo, com enfoque por vezes direcionados a temáticas ligadas ao direito à cidade.

- 9 A ideia de uma pequena coletânea desses textos havia surgido, a princípio, dentre as(os) próprias(os) estudantes, na última aula, quando da discussão de cada proposta de trabalho final. De toda forma, apenas após a leitura final de todos os escritos, foi possível ter uma ideia da diversidade e qualidade dos textos. Assim, a sugestão pareceu-nos pertinente, já que permite visibilizar novas potencialidades de olhares etnográficos sobre o espaço urbano da cidade de São Paulo, condensados na produção de textos concisos, realizados por estudantes de antropologia e também de outras áreas do saber.
- 10 Passemos aos artigos, cujos três primeiros abarcam, sob distintas óticas, a Virada Cultural do ano passado.
- 11 O texto de Paulo Nogueira, que abre o dossiê, apresenta uma reflexão sobre o que efetivamente atentamos numa observação, a princípio, flutuante, de um evento de rua com múltiplos estímulos. Ao enfrentar sobretudo a etapa da escrita, o autor percebeu que sua atenção ao longo de toda a experiência se detivera em usos, partilhados ou não, de substâncias lícitas e ilícitas, o que certamente dialoga com sua prática etnográfica de longo prazo sobre usuários de crack da “cracolândia”. Isso leva, portanto, à necessidade da maior clareza possível sobre os limites de nossa disponibilidade ao abrimo-nos a um olhar, a princípio, sem um destino previamente fixado.
- 12 O artigo de Gabriela Sacchetto tem como ponto de partida o intento de estabelecer, durante as caminhadas pela Virada Cultural, uma prática deliberadamente definida pela errância, com a clareza de que não se tratava de flunar por uma noite comum, mas permeada pelas apresentações. Estava posta em questão a potencialidade da observação ao longo de caminhadas, que propiciaram à autora atravessar diversas paisagens sonoras dos *shows* ocorridos, em meio a desvios, encontros e imprevistos, o que ao final veio a apresentar semelhanças com experiências anteriores do mesmo evento, guardadas de algum modo na memória.
- 13 Fechando os enfoques da Virada, o texto de Bárbara Côrtes traz um ponto de vista original, dado que ela atuou como bailarina vertical em paredes do edifício Praça das Artes, numa apresentação coletiva, a dezenas de metros do chão, o que exige o manejo de técnicas e instrumentos específicos, para a realização de movimentos performáticos ritmados. Se no plano pedestre a autora define a Virada sobretudo como um espaço de permanências itinerantes, de proveito efêmero dos *shows*, no topo do prédio, antes do início da apresentação, foram enfrentados diversos imprevistos, ligados a mazelas da organização geral do evento.
- 14 O artigo seguinte, de Wendy Villalobos, acompanha usos festivos de ruas da área central de São Paulo por imigrantes senegaleses durante a Copa do Mundo da Rússia, numa metrópole que recebe cada vez mais imigrantes e refugiados da América do Sul, Caribe e África. Após os jogos vitoriosos, senegaleses manifestavam-se explicitamente com músicas e danças, interrompendo momentaneamente o fluxo de automóveis. A partir de então, a autora volta-se à observação de outras práticas, entendidas no todo como lutas pelo direito à cidade, por parte de uma população com inserções bastante precárias no país.

- 15 O texto final, de Eduardo Rumenig, traz escritos de um autor que é ciclista e que ao mesmo tempo pesquisa tais práticas. Ele nos convida para acompanhá-lo por diversos lugares e paisagens urbanas, com atenção ao idioma corporal dos ciclistas e às suas regras específicas de interação – com outros ciclistas, com motoristas, com pedestres – num exercício autoetnográfico. Revelam-se usos táticos da bicicleta, voltados a lidar com contextos distintos, de avenidas permeadas por carros em alta velocidade, ou em engarrafamentos, a ciclovias onde é possível estabelecer interações mais detidas com outros ciclistas, em meio a deslocamentos constantes.
-

BIBLIOGRAFIA

AGIER, Michel. 2011. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome (Coleção Antropologia Hoje).

_____. 2015 [2004]. *Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação*. São Paulo/Maceió: Unesp/Edufal.

ARANTES, Antonio Augusto. 2000. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Unicamp.

CERTEAU, Michel de. 1994 [1980]. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

CLIFFORD, James. 2008 [1988]. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ.

DELAPORTE, Yves. 1988. “Les chats du Père-Lachaise: contribution à l’ethnozoologie urbaine”. *Terrain*, n. 10, p. 35-50. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/terrain/2927>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

FRÚGOLI JR., Heitor. 2007. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Zahar.

GEERTZ, Clifford. 2002 [1988]. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: UFRJ.

GIAMPAOLI, Michelangelo. 2012/3. “Rock around the grave. La tombe de Jim Morrison au Père-Lachaise”. *Ethnologie Française* vol. 42, n. 3, p. 519-529. Disponível em: <www.cairn-int.info/article-E_ETHN_123_0519--rock-around-the-grave.htm>. Acesso em: 23 mai. 2019.

GUTWIRTH, Jacques; PÉTONNET, Colette (ed.). 1987. *Chemins de la ville: enquêtes ethnologiques*. Paris: CTHS.

HARVEY, David. 2012 [2008]. “O direito à cidade”. *Lutas Sociais* n. 29, p. 73-89. Disponível em: <www4.pucsp.br/neils/downloads/neils-revista-29-port/david-harvey.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2019.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Documentos, 1969.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro *et al.* 2012. “Etnográficas”. *Ponto Urbe*, n. 10. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/322>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro *et al.* 2013. “Dossiê Virada Cultural”, n. 12. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/609>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.

NORONHA, Ceci Vilar; DOURADO, Suzana de Magalhães. “A circulação das mulheres no espaço público urbano: transgressões, crimes, riscos e danos”. In: J. Gledhill, M. G. Hita, M. Perelman (orgs.). *Disputas em torno do espaço urbano: processos de [re]produção/construção e apropriação da cidade*. Salvador: Edufba, p. 287-310.

PARDUE, Derek; OLIVEIRA, Lucas Amaral. 2018. “Direito à cidade: problema teórico e necessidade empírica”. *Plural* vol. 25, n. 2, p. 1-19. Disponível em: <www.revistas.usp.br/plural/article/view/153220/149766>. Acesso em: 23 mai. 2019.

PEIRANO, Mariza. 2008. “Etnografia, ou a teoria vivida”. *Ponto Urbe*, n. 2. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

PÉTONNET, Colette. 1982. “L’Observation flottante. L’exemple d’un cimetière parisien”. *L’Homme* vol. 22, n. 4, p. 37-47. Disponível em: <www.persee.fr/doc/hom_0439-4216_1982_num_22_4_368323>. Acesso em: 23 mai. 2019.

_____. 2008 [1982]. “Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense”. *Antropolítica*, n. 25, p. 99-111.

_____. 2010. *On est tous dans le brouillard: essai d’ethnologie urbaine*. Paris: CHTS.

_____. 2012. “Itinerário de uma antropóloga em meio operário”. In: M. A. S. Mello, L. M. Machado da Silva, L. L. Freire, S. S. Simões (orgs.). *Favelas cariocas: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 475-490.

_____; DELAPORTE, Yves (ed.). 1993. *Ferveurs contemporaines: textes d’anthropologie urbaine offerts à Jacques Gutwirth*. Paris: L’Harmattan.

QUEMIN, Alain. 2008. “A arte contemporânea no decorrer de uma noite: um olhar sociológico sobre a Nuit Blanche 2003 e sua recepção pelo público”. In: M. L. Bueno e L. O. L. Camargo (orgs.), *Cultura e estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo: Senac São Paulo, p. 195-213.

SILVA, Hélio Raymundo Santos. 2009. “A situação etnográfica: andar e ver”. *Horizontes Antropológicos* n. 32, ano 15, p. 171-188. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a08.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2019.

SIMÕES, Soraya Silveira. 2008. “Livro: Pétonnet, Colette. *Observation flottante. L’exemple d’un cimetière parisien*, *L’Homme*, oct-déc. 1982, XXII (4r), p. 37-47 (Resenha)”. *Antropolítica*, n. 25, p. 193-196.

TALHARI, Julio; PEREIRA DOS SANTOS, Thiago; KONNO, Samara; SANDES, Leslie. 2018. “Uma forma de arte: por dentro das práticas dos frequentadores do Sesc SP”. In: J. G. C. Magnani e E. Spaggiari (orgs.). *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Sesc São Paulo, p. 268-292.

NOTAS

1. Optativa ministrada por Heitor Frúgoli Jr. durante o primeiro semestre de 2018 no PPGAS-USP, que teve, entre os estudantes, o doutorando Julio Talhari (co-organizador deste dossiê).

2. E ao mesmo tempo propiciar um espaço consistente para que pós-graduandas(os) em antropologia também pudessem elaborar suas reflexões.

3. Colette Pétonnet (1929-2012) foi uma das fundadoras da antropologia urbana francesa, com destaque às pesquisas desenvolvidas, a partir do final dos anos 1960, sobre imigrantes (portugueses, espanhóis e magrebinos) em áreas periféricas parisienses (PÉTONNET, 2010 e 2012). Posteriormente, teve significativa participação na consolidação dos estudos urbanos na antropologia francesa, que culminou, dentre várias obras, nas coletâneas *Chemins de la ville* (GUTWIRTH; PÉTONNET, 1987) e *Ferveurs contemporaines* (PÉTONNET; DELAPORTE, 1993).
4. Inspirado inicialmente na Nuit Blanche parisiense, embora a última seja mais centrada nas artes plásticas (ler, a respeito, QUEMIN, 2008).
5. Dentre os balanços jornalísticos, ver <www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/05/virada-cultural-recupera-publico-e-vai-bem-em-seguranca-e-limpeza-mas-ainda-tem-vazios-nos-bairros.shtml>. Acesso em: 30 abr. 2019.
6. Parcialmente abordadas em sala de aula; sobre a Virada Cultural de 2017, ver <www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/20/Como-a-Virada-Cultural-revela-a-cidade-a-seus-habitantes-segundo-este-antrop%C3%B3logo>. Acesso em: 3 mai. 2019.
7. Tradutora, para o português, do original em francês (PÉTONNET, 1982).
8. Incluindo a informação final de que ela “machucou gravemente a mão direita e terminou seu artigo escrevendo pensosamente” (PÉTONNET, 2008 [1982], p. 110).
9. Sem esgotar uma vasta lista: Marcel Proust, Honoré de Balzac, Auguste Comte, Allan Kardec, Édith Piaf, Sarah Bernhardt, Molière ... É provável, todavia, que hoje em dia a figura mundialmente mais famosa do Père-Lachaise seja o norte-americano Jim Morrison (1943-1971), vocalista e compositor da banca de rock The Doors e poeta, que passou os últimos meses de sua vida em Paris. Sobre o impacto das visitas (crescentes e de grande escala) de seus admiradores ao cemitério, ver Giampaoli (2012/3).
10. Para uma continuidade consistente às sendas abertas por Pétonnet sobre o Père-Lachaise, ver o estudo de Yves Delaporte (1988) no local, cuja perspectiva de uma etnozoologia urbana aprofunda o conhecimento de relações entre humanos (principalmente mulheres) e animais (os já citados gatos), com um mapeamento original dos usos do território e de formas de sociabilidade.
11. Desdobramentos dessa leitura levaram ao interesse de alguns pela obra de Michel de Certeau (1994 [1980]), sobretudo com relação ao tema das práticas espaciais, e ao artigo de Hélio Silva (2009), sobre a importância dos percursos urbanos feitos pelo etnógrafo para a compreensão (inicial) de aspectos antropologicamente relevantes sobre a cidade.
12. Tema tratado principalmente na segunda parte da disciplina, tendo despertado forte interesse, embora os artigos desse dossiê não sejam, diretamente, sobre tal assunto (lembrando, de toda forma, as elaborações coletivas de toda a classe com base na notícia impactante do assassinato da vereadora Marielle Franco, em março de 2018). Para uma abordagem antropológica recente (e necessária) sobre o *direito à cidade*, ver Pardue e Oliveira (2018).
13. Vale a pena ler, sobre o conceito, “As situações elementares da vida urbana” (AGIER, 2011, p. 89-100); ver também “Trajetórias do conceito de situação” (FRÚGOLI JR., 2007, p. 36-45).
14. Ver, sobre o tema, Noronha e Dourado (2017).
15. Sobre o último tópico, ver Talhari, Pereira dos Santos, Konno, Sandes (2018).

AUTORES

HEITOR FRÚGOLI JR.

Professor Associado do Departamento de Antropologia da FFLCH-USP e coordenador do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC-USP)

JULIO TALHARI

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP e integrante do GEAC-USP